

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

Claudiene Alves da Silva¹

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos²

RESUMO

A atuação e formação docente se tornaram foco de um problema que é a efetivação da educação. Assim, se sabe que o docente especialista na área de formação é capaz de ministrar as disciplinas tendo a intenção de conseguir formar novos profissionais de forma mais eficaz. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo geral abordar sobre a importância da formação da profissão e atuação docente, assim como os desafios que se encontram no caminho do profissional. A pesquisa será de revisão bibliográfica. Teve por métodos revisão bibliográfica do tema por autores e publicações, com procedimentos descritivos e abordagem qualitativa e indutiva.

Palavras-chave: Atuação, Formação, Desafios, Docente.

ABSTRACT

The performance and teacher training have become the focus of a problem that is the effectiveness of education. Thus, it is known that the specialist professor in the area of training is able to teach the disciplines with the intention of being able to train new professionals more effectively. Thinking about it, the present work will as a general objective to address the importance of the formation of the profession and teaching practice, as well as the challenges that are in the career path of the Professional. The research will be bibliographic review. It had as methods bibliographic review of the theme by authors and publications, with descriptive procedures and qualitative and inductive approach.

Keywords: Acting. Training. Challenges. Teacher

¹ Discente da Pós-Graduação no IFG – Câmpus Inhumas.

² Professor orientador da Pós-Graduação no IFG - Câmpus Inhumas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso da Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional foi feito em forma de artigo com base em uma pesquisa bibliográfica que, conforme Medeiros (1997), tem como principal característica a utilização de fontes já publicadas (artigos científicos, revistas, livros e-books, entre outros.) para compreensão de um assunto selecionado, além da elaboração da redação do texto. Para isto muito contribuíram as leituras realizadas durante as aulas da pós-graduação selecionadas pelos professores em suas respectivas disciplinas

A abordagem escolhida será qualitativa. Neste tipo de abordagem, ainda segundo Medeiros (1997), as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente pois será necessário descrever uma relação entre o objetivo e os resultados deste estudo, que não podem ser interpretadas exclusivamente através de números. Por fim, a pesquisa será descritiva visando identificar a realidade estudada, suas características e seus problemas.

O objetivo geral será entender a importância da formação na profissão e atuação do docente no ensino superior, assim como os desafios que se encontram no caminho do profissional.

ASPECTOS GERAIS REFERENTES À PROFISSÃO DOCENTE

Os estudos de Neves (2012) apontam que nas últimas décadas o Brasil vivenciou um relevante processo de ampliação de seu ensino superior deixando de ser um privilégio para poucos e se democratizando, trazendo assim expectativas de ascensão social para faixas cada vez mais abrangentes da população.

Este mesmo ensino superior vem se preocupando cada vez mais com a formação, muitas vezes aligeirada, de novos profissionais de diferentes carreiras com vistas a sua atuação em um mercado de trabalho em constante mutação. O corpo docente encarregado desta formação precisa assim de uma participação mais atuante de profissionais e especialistas que façam a transmissão das informações e práticas a seus alunos, sendo assim recrutados do próprio mercado como especialistas que podem fazer a ponte Mercado-Academia. Muitas vezes este professor acaba por ser “engolido” por um sistema de reprodução de conteúdos e práticas que acaba por se tornar a sua própria identidade profissional.

Desta maneira, as pesquisas de Garcia (1999 apud NONO e MIZUKAMI, 2006) determinam que referir-se sobre a carreira docente é reconhecer basicamente que os professores não tenham em si a concepção do “aprender a ensinar” e por isso vivenciam inúmeras fases em que são confrontados com exigências pessoais, profissionais, organizacionais, contextuais, psicológicas, específicas e diferenciadas.

Os estudos de Zabalza (2004 apud GAETA e MASETTO, 2013) mostram que a perspectiva que os professores possuem sobre o seu trabalho, a forma como fazem seu planejamento de atividades, a abordagem que dão aos conteúdos, a metodologia utilizada, as exigências de avaliação / aprovação, o relacionamento que possuem com os alunos, colegas de profissão e com a instituição de ensino podem influenciar no que são, sentem ou vivem. Entretanto, devemos ressaltar ainda que:

Identidade docente é a compreensão que temos de nós mesmos como profissionais. Uma identidade profissional se constrói com base no significado que a profissão tem para cada um, na sua história de vida, no seu modo de situar-se no mundo. Dessa maneira, o profissional que for convidado a abrilhantar um curso relatando suas experiências profissionais agirá como profissional que é: engenheiro, gestor, empreendedor ou outro. Grande parte do corpo docente dos cursos superiores é recrutada entre profissionais da área (ZABALZA apud GAETA e MASETTO, 2013, p. 15).

Desta forma, quando o profissional começa a atuar em uma instituição de ensino se confronta com inúmeras necessidades, problemas, expectativas, desafios, dilemas, no que diz respeito aos seus alunos e à própria instituição onde está atuando, começando assim a constituir o seu conhecimento profissional, entalhando seu perfil docente e ficando estabelecido dentro do mundo acadêmico.

Segundo a concepção de Imbernón (2001) (apud NONO e MIZUKAMI, 2006), o professor que está começando a sua carreira, acaba contando com um conhecimento dinâmico e não-estático, que vai evoluindo no decorrer de sua carreira profissional através de inúmeras situações como na sua própria experiência como discente, no instante em que ainda se vê como “aluno” por estar aprendendo a ser professor. Este novo docente acaba transitando em um sistema educativo, podendo assumir uma espécie de visão sobre a educação, marcada, em muitas ocasiões, através de estereótipos da docência que são complicados para serem superados.

Os anos iniciais da atuação do profissional como docente, faz com que tenha as eventuais primeiras alterações da maneira em como ele irá entender as atitudes, valores e funções associadas à docência. Durante esta vivência, de forma própria e única, estabelecerá

(ou não) uma nova consolidação de seu conhecimento profissional. Em Papi e Martins encontra-se uma ideia das diferentes etapas que determinam as fases sobre a formação de docentes:

Existem quatro fases diferenciadas pelas quais passa o professor. A primeira fase, denominada de pré-treino, inclui as experiências que os futuros professores tiveram enquanto alunos e que podem influenciá-los inconscientemente durante o exercício da profissão. A segunda, chamada de formação inicial, refere-se à etapa de preparação formal para ser professor e se dá em instituição específica. A terceira, denominada Iniciação – objeto do presente estudo por tratar-se da fase em que se encontra o professor iniciante – diz respeito aos primeiros anos de exercício profissional, os quais se configuram como uma etapa ímpar e marcante na vida do professor. A última fase, a formação permanente, relaciona-se ao período que inclui as atividades de formação planejadas pelas instituições e pelos próprios professores ao longo da carreira, a fim de permitir que o desenvolvimento profissional seja um processo constante (PAPI e MARTINS, 2010 p.5).

Neste sentido, podemos notar a necessidade do profissional da educação de incessantemente conseguir melhorar os processos educativos, passando a ficar a cada dia mais qualificado, realizando diariamente a atualização dos seus conhecimentos. Desta forma, os estudos de Papi e Martins (2010) estipulam que os primeiros anos possivelmente se transformam em um período com maior dificuldade, levando sempre em consideração as condições que podem ser encontradas pelos professores em seu ambiente de trabalho, nas relações mais ou menos benéficas que podem manter com seus colegas, assim como sobre a formação que acabam vivenciando e sobre o apoio institucional que podem contar nesta fase de seu desenvolvimento profissional.

Todas as particularidades encontradas são de grande importância no que diz respeito à iniciação da prática docente, precisando ser averiguados com cautela, isso porque, estes referidos elementos possuem a capacidade de serem as causas de motivação ou de desmotivação durante a prática docente. Estes professores, normalmente, são introduzidos nesta profissão possuindo grandes expectativas, isso porque diversos deles tendem a acreditar que a educação é capaz de proporcionar uma consciência de luta para o alcance de uma sociedade com maior justiça e com a capacidade de fomentar a formação de profissionais com qualidade e com consciência social.

OS SENTIDOS DO TRABALHO DOCENTE

Tentando explanar os referidos sentidos do trabalho, os estudos de Celso Antunes (2008) utilizam uma compreensão que torna mais claro o potencial que pode emancipar o trabalho humano, levando em consideração que o homem se apresenta como um ser social e necessita recusar o trabalho que o aliena e infelicitiza. Os seres humanos que trabalham, continua o autor, devem ser *“dotados de consciência, por conceberem previamente o desenho e a forma que querem dar ao objeto do seu trabalho”*. O autor continua usando ainda a concepção de Lukács, o *“trabalho é um ato consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios”* e ressalta que *“em qualquer forma de trabalho, mesmo no trabalho mais manual, há sempre uma clara dimensão intelectual”* (ANTUNES, 2008, p. 2). Antunes ainda agrega valor dizendo que *“anteriormente, Marx havia demonstrado que o trabalho é fundamental na vida humana porque é condição para sua existência social”*.

Desta forma, é possível afirmar que, em um contexto geral, o trabalho se apresenta como um processo através do qual o ser humano pode se relacionar com a natureza, com o mundo a sua volta e com a sociedade, objetivando transformá-los e ajustá-los para se adequar às suas necessidades e interesses. Entretanto, não é possível deixar de levar em consideração que o trabalho é capaz de conter as duas dimensões, que tendem a depender das condições de como é efetuado: uma primeira dimensão construtora, emancipadora e concreta de Marx, voltado para a produção de coisas e para a satisfação de necessidades humanas, contribuindo para a realização do indivíduo enquanto criador e transformador de seu meio. Ou a do trabalho em uma *“dimensão, alienante, opressora. [...] O trabalho torna-se algo impessoal, reduz-se a mais uma mercadoria”* (ANTUNES; 2008 p. 2).

Levando em consideração estas ideias e se fundamentando nos estudos de Tardif e Lessard (2005, p. 28-31), que entendem a docência como sendo um trabalho, *“Marx mostrou que o processo do trabalho transforma dialeticamente não apenas o objeto, mas igualmente o trabalhador, bem como suas condições de trabalho”*. Referindo-se sobre o trabalho docente, os mesmos autores apontam que isso pode ocorrer em um processo de interações humanas, sendo assim, lecionar pode ser entendido como trabalhar com os seres humanos, sobre os seres humanos e para todos os seres humanos.

Pode-se evidenciar diversas funções que podem ser somadas ao trabalho docente, levando em consideração que o professores, habitualmente, são constituídos como profissionais que tendem a buscar caminhos com o intuito de responder às exigências que a sociedade acaba impondo aos mesmos, utilizando então os seus saberes, os seus valores e as suas habilidades com o intuito de concretizar a sua tarefa docente.

Estes profissionais da educação estão, desde o final do século XX, sendo submetidos a uma realidade de transformações (globalização, mundialização, pós-modernidade, novas tecnologias) sendo constantemente envolvidos por reformas educacionais no âmbito de uma reestruturação do capital. Nesta realidade de reformas educacionais que estão acontecendo no Brasil (BNCC, Novas Diretrizes Educacionais) acabaram resultando na regulação e controle em decorrência de uma nova configuração da função que o Estado deve ter que se fundamenta na ideologia neoliberal, podendo assim corresponder às exigências dos organismos internacionais, sendo então o real objetivo de “*transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado*” (GENTILI, 1998, p. 19). Como consequência dessa nova realidade, a educação começou a ser compreendida como mercadoria e procura sempre atender às necessidades do mercado.

Diante da complexidade das representações do trabalho docente, os profissionais questionam a si mesmos sobre qual é a melhor maneira de adquirir habilidades mais eficientes e maior conhecimento, já que estas se alteram sem parar. As palavras de Bauman (apud Fartes, 2008 p. 39) apontam ainda que a “*nossa maneira de estar-no-mundo, nesta segunda modernidade é líquida. O mundo líquido é incerto, inseguro e vulnerável*”. Sendo assim, as representações no âmbito do trabalho docente podem ser as seguintes:

Sentimentos antagônicos que se expressam, por um lado, na admiração pelo avanço científico e tecnológico e, por outro, no que Bauman [2001] definiu como ‘precariedade, instabilidade e vulnerabilidade’, não necessariamente entendidos como determinações da tecnologia, mas como traços característicos de uma modernidade que se liquefaz, ao diluir as certezas da ilusão moderna no descartável, na performance e na individuação (FARTES, 2008, p. 583).

No que diz respeito ao trabalho docente e os processos de precarização do trabalho, resultando assim na desprofissionalização e até mesmo na proletarianização do trabalho do profissional da educação. Mesmo que a precarização do trabalho docente possa ser algo que pode ser encontrado no Brasil, devemos ressaltar ainda que o estudo efetuado por Gatti e Barreto (2009, p. 17), aponta que “*no Brasil, a importância dos professores no cômputo geral dos empregos formais não é menor do que nos países avançados*”. As mesmas autoras continuam se fundamentando nos dados da RAIS² no que diz respeito ao total de empregos para professores em território brasileiro. Segundo ela, no ano de 2006, cerca de 8,4% dos empregos no Brasil eram destinados aos professores, fazendo com que a profissão fique em

² Relação Anual de Informações Sociais.

terceiro lugar no ranking de subconjuntos das ocupações, e cerca de 82,6% eram resultantes de instituições de ensino públicas, vejamos ainda:

Essa enorme massa de empregos na esfera pública, provavelmente, uma das maiores do mundo, tem óbvios desdobramentos em termos de financiamentos do setor educacional, dos salários, das carreiras e das condições de trabalho docente, além, evidentemente, das repercussões na qualidade do ensino ofertado (GATTI e BARRETO, 2009 p.17).

Os estudos de Tardif e Lessard (2005) continuam agregando valores ao analisar o trabalho docente apontando também ser essa uma profissão que não está perto de ser periférica ou secundária, sendo por conta da sua quantidade como também de seu papel, um dos elementos mais relevantes da economia encontradas nas sociedades mais avançadas. Estes mesmos autores ainda apontam que *“nessas sociedades, a educação representa, com os sistemas de saúde, a principal carga orçamentária dos estados nacionais”* (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 22).

Sendo assim, não apenas nas sociedades mais desenvolvidas, os estudos de Gatti e Barreto (2009, p. 15) mostram que também nas sociedades em desenvolvimento, assim como é o caso do Brasil, *“o setor de serviços e, no seu interior, os grupos de profissionais, cientistas e técnicos não cessam de crescer, e passam a ocupar posições de destaque em relação aos trabalhadores que produzem bens materiais, cuja presença numérica e importância relativa diminuem”*.

ALGUMAS DIFICULDADES VIVENCIADAS PELO DOCENTE INICIANTE

Os estudos de Papi e Martins (2010) asseguram que é no período inicial que o professor irá se deparar com a verdadeira realidade que se encontra e com as contradições que nem sempre terá a capacidade de ser superada. Os autores ainda complementam dizendo que os conhecimentos profissionais são testados e a postura que passa a assumir possivelmente vai desde uma adaptação e reprodução em diversas ocasiões pouco crítica no âmbito acadêmico e à prática que nele pode ser encontrada, sendo esta uma postura inovadora e autônoma, tendo total noção das possibilidades, dos desafios e dos conhecimentos profissionais que embasam os seus atos pedagógicos.

Os estudos de Gaeta e Masetto (2013) asseguram que o professor iniciante deve ainda ser capaz de apresentar sentimentos de estresse, angústia, dúvida e receio. Deduzindo por um lado que, por ter sido um aluno no decorrer de diversos anos e ter assistido muitas aulas de

variados tipos de professores, tendo então a capacidade de imitá-los. Por diferente perspectiva, o profissional ainda entende que não conta com a experiência docente adequada que lhe torne possível trabalhar com maior confiança e desenvoltura.

Devemos ainda ressaltar que:

Os professores iniciantes podem encontrar durante seu primeiro ano de serviço dificuldades específicas como principiantes em um entorno laboral relativamente desconhecido. Apesar de ter entrado em contato direto com a profissão através de práticas em centros escolares, será a primeira vez que enfrentam a realidade diária de uma atividade laboral na qualidade de professores plenamente qualificados. Estas circunstâncias motivam a existência de medidas de apoio oferecidas por pessoal capacitado com experiência para ajudar os docentes a superar as dificuldades que podem encontrar como principiantes na profissão (ERYDICE, 2002, apud, PAPI e MARTINS, 2010, p. 5)

Já as pesquisas de Perrenoud (2002 apud GAETA e MASETTO, 2013) salientam que as formações de professores iniciantes bem capacitados se relacionam, especialmente, com a formação de indivíduos com a capacidade de alcançar uma evolução, aprendendo incessantemente através das suas experiências, fazendo reflexões no que diz respeito ao que desejariam fazer, sobre o que fizeram na realidade e sobre os resultados que alcançaram.

Devemos ainda apontar as seguintes reflexões:

O estudante que deixa de ser aluno para iniciar-se na profissão de docente universitário deve assumir um novo papel que comporta uma mudança de percepção da figura do professor. De um papel cômodo e anônimo de estudante protegido pelo grupo de classe assume uma posição ativa frente a um grupo de alunos com idades próximas a sua, cujas aprendizagens dependem em parte da sua aptidão profissional (ESCARTIN et al, 2008, apud GAETA e MASETTO, 2013, p. 12)

O professor e a sua grande relação com o saber, sendo avalizado como o especialista em um determinado assunto, não é igual à relação com este mesmo saber na condição de docente, salientando que existe a responsabilidade especial quando faz o repasse deste conhecimento. Sendo de extrema importância que o professor possua ainda uma compreensão muito evidente sobre como este conhecimento deve ser trabalhado, com o objetivo de que seja muito importante para os estudantes, em outras palavras, ser útil, acessível, simples e inovador.

Neste sentido, vejamos:

Frequentemente ouvimos depoimentos de professores sobre seus alunos alegando falta de compromisso e motivação, desinteresse pela própria

aprendizagem, passividade, individualismo, falta de criticidade e de questionamento, interesse pela nota e pela obtenção de diploma, imaturidade e dificuldade em interpretação e redação de textos. É preciso reconhecer que não é fácil lidar com a diversidade, tarefa que no dia a dia toma proporções complexas e desafia o professor (GAETA e MASETTO, 2013).

Entretanto, levando em consideração todos os desafios que existem nesta profissão, assim como a maneira de como alguns profissionais podem lidar com este primeiro momento de sua carreira docente, cabe ainda ressaltar, se fundamentando na concepção de Zanchet (2011), que a prática pedagógica dos professores necessariamente deve receber o acompanhamento e controle adequados, isso porque, segundo a lógica administrativa, estas devem ser as estratégias mais eficientes para proporcionar maior reforço para a sua responsabilização dos resultados dos sistemas educacionais.

DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NA ATUALIDADE

Estamos convencidos de que a educação é entendida como um dos elementos de maior relevância para que um país possa se desenvolver adequadamente. Sendo através dos diversos saberes que o país é capaz de elevar a qualidade de vida da população. O Brasil até está evoluindo, entretanto ainda não é o bastante para alcançar um nível que seja aceitável em uma visão global. Um dos temas que mais se discute é a carência na educação, e se associa de maneira direta com inúmeras peculiaridades sociais, econômicas e políticas.

Referindo-se então sobre a temática da prática docente, não podemos deixar de lado os órgãos públicos que são responsáveis por garantir condições adequadas e dignas, para então beneficiar os educadores, com o intuito de que estes possam efetuar um trabalho relevante, isto acaba reforçando o pouco compromisso proporcionado para a educação.

Neste sentido, esta falta de desenvolvimento educacional, no contexto brasileiro, ocorre desde a formação elitizada da primeira instituição de ensino. Como a educação possui um lugar de destaque na transformação da sociedade, possivelmente a culpa desta falta de desenvolvimento recai sobre o profissional docente que vivencia de forma direta a educação, passando a ser o foco de inúmeras críticas sobre os fracassos e pensamentos de esperança dos problemas sociais. Os estudos de Pimenta (2009) apontam que o professor, sendo o elemento que se responsabiliza diretamente pelas ações do dia a dia da sala de aula, acaba sendo entendido como mais ou menos qualificado para colocar em prática a sua função, tendo ele maior ou menor autonomia e controle no tocante do seu processo de trabalho.

Atualmente os desafios da prática docente estão passando por uma redefinição fomentada por uma sociedade que passa por uma veloz transformação das suas concepções e valores, resultando na demanda tanto dos profissionais como também dos sistemas educativos, os quais são englobados, ações que tenham a capacidade de responder a esses desafios.

Toda esta realidade contribui para a elaboração do fazer pedagógico, e das práticas docentes, situação onde estes não podem ficar limitados e nem serem eliminados do ambiente de sala de aula, estas práticas precisam se encontrar associadas com a diversidade do dia a dia do aluno. Portanto, fazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas que podem influenciar de maneira importante no desempenho dos alunos, sendo então um desafio que resulta na construção de novas concepções para as práticas docentes atuais.

A instituição de ensino, através do trabalho do professor passa por uma revisão da sua função, sendo estes socializadores do conhecimento, perante a prática mediadora, propondo então aos alunos a realização de uma aprendizagem com participação ativa no decorrer do processo, onde o conhecimento prévio do aluno e o científico, tenha a possibilidade de serem unificados através de um único objetivo, que é o de fazer com que seja realidade o desejo de uma aprendizagem adequadamente proporcionada.

Segundo a concepção de Morin (2000), podemos ver que fica claro que tudo é capaz de ser aproveitado dentro das relações de instabilidade humanas e que, quando essas são organizadas no contexto pedagógico, resultam na transformação da relação dentro da sala de aula e, desta forma, sociável. Especialmente na realidade atual do mundo, situação em que as novas relações frequentes em novas linguagens, assim como a internet, que resulta na obrigação do entendimento das mesmas para a apresentação em sala de aula de uma nova linguagem sistematizada destes valores inovadores.

Não podendo contar com esse modelo de organização natural, o profissional docente não é capaz de planejar as suas aulas e os seus projetos se fundamenta nessa estrutura, acabando por aceitar a divisão social normalmente, e esta fundamenta as suas ações didáticas e a vida do educando, causando assim o tradicionalismo que existem nessas conjunturas.

A procura pela realização dessa restauração da ordem didática que a política educacional não é capaz de efetuar adequadamente, se encontra acessível às transformações por essa mesma vulnerabilidade que as leis que as administram apresentam.

Os estudos de Charlot (2005) apontam que o aprender refere-se sobre uma atividade intelectual, não tendo a mobilização pessoal, e nem mesmo a utilização de si, se torna praticamente impossível. Uma aprendizagem unicamente se tornará possível se o indivíduo

apresentar o desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um grande envolvimento do mesmo. Sendo assim, unicamente será possível ensinar para alguém que queira aprender, em outras palavras, para o indivíduo que deseja buscar por uma aprendizagem intelectualmente.

Segundo a concepção de Cunha (2002), o profissional docente não gera o saber no aluno, ele proporciona algumas situações, podendo ser uma aula, ou a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, entre outras coisas, com o intuito de que o próprio aluno realize o primordial, que é o trabalho intelectual. Os docentes devem conhecer adequadamente o que se encontra diante de um aluno que não é capaz de entender corretamente o conteúdo de sua aula, mesmo que seja muito simples. Este referido problema profissional que o professor encontra diante de uma barreira muito complicada de ser ultrapassada resulta em uma real experiência metafísica, a da alteridade radical entre dois indivíduos que são, na realidade, semelhantes. Quando apontamos que ninguém é capaz de aprender no lugar do outro possui o significado de igualdade à dependência do aluno sobre o seu mestre. Sendo então o mestre que possui o saber e o poder, entretanto é o aluno que possui o elemento essencial para alcançar o sucesso ou o fracasso do procedimento pedagógico. Esta realidade acaba fazendo com que o professor possua atitudes vitimistas e discursos acusatórios, onde o professor acaba se sentindo, no contexto profissional, uma vítima da falta de mobilização intelectual do aluno.

Já o estudo de Pimenta (2009) aponta que a educação faz a suposição de uma relação com o Outro, levando em consideração que não pode existir uma educação sem algum elemento externo àquele que se educa. Esse se apresenta como outro universo da situação de ensino. O referido Outro pode ser entendido como um conjunto de valores, de objetos intelectuais, de práticas, entre outras coisas; sendo ainda um diferente ser humano (ou vários), possuindo ainda inúmeros estatutos. Desta forma, o docente pode ser entendido, consecutivamente, como um sujeito que conta com as suas pessoais peculiaridades, ou um representante da instituição de ensino (tendo direitos e deveres) e ainda um adulto que se responsabiliza em fazer a transmissão do patrimônio humano para gerações mais jovens, sendo este um papel antropológico.

Ainda se fundamentando nos estudos de Pimenta (2009), podemos ver que esta pluralidade de estatutos é capaz de gerar, essencialmente, uma possível ambiguidade. A relação afetiva, de indivíduo para indivíduo, é capaz de esconder o que existe de mais específico na relação de ensino, sendo então compreendida como uma relação entre duas gerações, aquela que entra na vida e a que proporciona um determinado patrimônio. O que os alunos e, em muitas ocasiões, até mesmo os próprios profissionais docentes podem entender como uma relação afetiva é, na realidade, uma relação antropológica: situação em que o

jovem necessita do adulto, esperando então a palavra do mesmo, da divulgação de uma experiência humana, ao mesmo tempo em que o próprio adulto é capaz de se sentir comovido diante de uma nova geração, desejando assim cuidar dela, tendo a necessidade de lhe transmitir a sua herança humana.

As pesquisas realizadas por Popkewitz (1997) evidenciam que a educação se apresenta como um triplo processo de humanização, fazer com que se torne um ser humano, de socialização, onde se faz tornar um membro de uma sociedade e de uma cultura e ainda de singularização, onde se faz tornar um sujeito original, existindo então em um único exemplar – sem depender de sua consciência como tal. As três dimensões deste processo não podem ser separadas, sem poder existir um ser humano que não seja social e singular, não existindo um membro de uma sociedade senão na forma de um sujeito humano, e não existe um sujeito singular que não se apresenta como humano e socializado. Assim, o professor é uma parcela integrante deste triplo processo, sendo então o formador de seres humanos, dos membros de uma sociedade, dos sujeitos singulares. Referindo-se a teoria, não existe qualquer dificuldade, entretanto, no contexto prático, a realidade é diferente, isso porque existe a possibilidade destas três diferentes etapas se conflitarem e, sendo assim, o professor acabará sofrendo incessantes pressões para ficar focado em certa dimensão mais do que em outra.

O docente é capaz de ensinar em uma escola se encontrando sob o controle e o olhar de algumas autoridades hierárquicas e também de colegas, encontrando restrições de espaço, de tempo e também de recursos. Estas restrições sofrem uma variação dependendo das circunstâncias do ensino. Em alguns momentos, a lógica da administração não é a mesma da educação ou a do ensino. O significado de gerir é o de prever, organizar, racionalizar, categorizar, apontar a existência de critérios homogêneos. A real intenção de uma gerência é a de encontrar uma correta transparência e um total domínio. Ocorrendo então naturalmente as ações de ensino que necessitam de uma diferente lógica, onde o professor não é capaz de gerir de maneira racional um ato em que o sucesso deve depender da mobilização pessoal do aluno, mobilização onde as forças se apresentam incessantemente um tanto obscuras (POPKEWITZ, 1997).

Sendo então esses os universos da situação que se encontra o ensino. Enquanto forem encontrados professores, esses conceitos vão ser colocados em prática. Onde todos apontam que o ensino é realizado através de uma situação de tensão. Ensinar então não se apresenta como um trabalho fácil, não existe uma idade de ouro para o professor, há não ser em uma concepção retrospectiva. Entretanto, as referidas realidades tornam possíveis entender mais adequadamente o porquê, em todo o mundo e em todos os momentos históricos, que os

professores vivem como profundamente ilegítimos e, consecutivamente, estão incessantemente ameaçados. No entanto, sendo estes trabalhadores da educação legítimos, porque realizam a transmissão do conhecimento da humanidade, sendo indivíduos que portam o essencial. Se sentindo então em constante ameaça, inadequadamente considerados, de forma injusta suspeitos, recebendo a culpa pelo fracasso, porque são, por conta de sua realidade, tomados em um conjunto de imposições que se contradizem e que apresentam tensões que os tornam mais frágeis (CHARLOT, 2005).

Os estudos de Charlot (2005) contribuem ainda dizendo que o currículo tradicional apresentado para a formação de professores se fundamenta em disciplinas fechadas, que através das quais os conteúdos passam a ser organizada através de uma sequência lógica, situação em que se pretende apontar que os alunos alcancem um elevado nível de especialização, ocasião em que neste nível não são levadas em consideração as subculturas como uma cultura da marginalidade, a cultura indígena, a campesina, entre outras, mas sim se apresentando como elementos que dividem e causam problemas ao processo de integração. Seja qual for a pessoa, através do processo educativo, precisa fazer a apropriação, não apenas da cultura universal, mas ainda, e especialmente, da cultura onde vive, com o intuito de ser capaz de enfrentar a sua própria existência e a sua própria realidade.

Já os estudos de Enguita (1991) apontam a existência da concepção de ensino que implica em um saber fazer a transmissão, sejam quais forem as modalidades de transmissão, sendo possível serem magistrais ou transitar por procedimentos de construção, de apropriação. Se referindo então ao que está menos implícito, sobre um modelo de três diferentes termos, que são estes: o saber a ser adquirido, compreendido como o objetivo, o ponto de referência do processo, a sua razão de ser; o aluno ou, ainda, o aprendiz; o mestre, onde o seu papel é o de ser útil como um mediador entre o aluno e o saber, "sinalizar", assim como aponta a etimologia, transferir os olhos da alma apontando-os ao saber.

A lógica do ensino se apresenta como aquela do saber a ser ensinado, do saber que se constitui em um sistema e discurso que encontra uma coerência própria.

A coerência do discurso pode ser compreendida como interna, onde o que proporciona coerência a um conceito é o conjunto das relações que ele é capaz de manter com diferentes conceitos dentro de um espaço teórico, relações constitutivas desse conceito.

Analisando os estudos de Imbernón (2002), podemos ver que a concepção de formação deve implicar a de uma pessoa que precisa contar com algumas competências. O conteúdo e a natureza real destas competências possivelmente variam se fundamentando na espécie de formação e também no momento histórico, ressaltando que no ano de 1950, as

organizações faziam a definição da formação profissional através das capacidades específicas que eram estipuladas através de uma análise minuciosa da função no trabalho; no ano de 1990, as empresas ficam focadas na transferibilidade, na adaptação, na flexibilidade da mente e ainda nas condutas. Entretanto, independentemente da maneira pelas quais essas competências são estipuladas, elas vão precisar ser sempre definidas se fundamentando nas situações e nas práticas.

Os estudos de Perrenoud (2000, p. 42) ainda agregam valor apontando que o magistério pode ser entendido como uma profissão onde cada professor tende a buscar o seu próprio modelo de trabalho, considerando sempre a sua maneira de realizar as suas funções, a preparação e improvisação, o seu gosto pela planificação, a sua eficácia nas mais variadas tarefas do dia a dia. A sua dispersão unicamente diz respeito a ele mesmo. Mesmo que os resultados apresentados pelos alunos não sejam adequados, o docente não precisa fazer a prestação de contas sobre a forma de organizar o seu trabalho, fora da escola, sobre o tempo que acaba dedicando para a preparação das suas aulas e nas correções, assim como ainda na sua formação.

O referido autor diz:

A escola despende muita energia a fingir que cada um faz o que deve fazer, sem se dotar de muitos meios para o verificar. Resta inventar outros modelos, que passam pela cooperação em iguais, pela supervisão mutua, pelo trabalho de equipe e pela construção de uma cultura profissional mais substancial (PERRENOUD, 2000, p. 200).

Observando então estes problemas apontados para a profissão docente, fazendo com que seja inviável para os professores se tornarem responsáveis por fazer uma formação continuada, para então ter a capacidade de encontrar uma nova percepção de educação, proporcionando uma diversidade de opções para o fazer pedagógico, encontrando somente a chance de permanecer tentando alcançar a incorporação de um senso crítico-reflexivo nos profissionais da área, o professor está sempre se fazendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos sobre formação de professores, logo pensamos na importância da formação para que esses docentes sejam profissionais de excelência, visando um ensino de qualidade, pois um docente ensina tanto pelo que viveram quanto pelas ocasiões que observaram, influenciando diretamente no que são. Essas experiências adquiridas ao longo do tempo é que relacionam os aspectos teóricos aos práticos.

O trabalho docente pode ser entendido como trabalhar com pessoas, sobre pessoas e para as pessoas, buscando caminhos com intuito de facilitar o conhecimento através dos saberes, das habilidades e de seus valores. Este trabalho está em constante transformação e mesmo com as dificuldades e mudanças que ocorrem na profissão, ela ocupa um papel relevante também na economia.

Quanto à atuação do docente em sala de aula, é preciso possuir dinamismo das práticas pedagógicas com atenção às necessidades do estudante, atenção que significa cuidado, passando então parte do tempo para criar condições de efetivar seu fazer pedagógico, constituindo uma relação de cooperação e conflitos entre os sujeitos. Ao transferir o conhecimento, que é fundamental, é preciso relacionar o cognitivo com o afetivo, não andam juntos, mas se integram, e o docente precisa ter clareza do que é e como funciona para desenvolver no aluno e em si. E o docente sabe quando a construção do conhecimento está sendo eficaz, e atitudes ríspidas podem dificultar essa construção, então é necessário dosar a afetividade, criando uma relação de confiança entre quem ensina e quem aprende.

No início da atuação docente, o profissional se depara com realidades que se contradizem, causando sentimentos de dúvida, estresse, angústia e receio, como não tem uma experiência docente, acaba imitando os profissionais que passaram em sua formação enquanto aluno, até que seja possível trabalhar com maior confiança. Sendo necessário, neste início, o apoio de pessoas capacitadas e experientes para superar as dificuldades. A prática docente necessita ainda de órgãos públicos que garantam condições adequadas e dignas que beneficiem os educadores, e de apoio pedagógico da instituição/escola.

O docente encontra muitas dificuldades em sua profissão, e não há uma idade de ouro em que o exercício da profissão seja ameno, tanto o início quanto o decorrer da profissão são cheios de desafios, pois o docente ensina em constante tensão, e é através dessas experiências

que se constitui o professor. Assim, a formação e atuação do docente representam um papel estratégico na qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2008.
- CHARLOT, Bernard. **Formação de Professores e a Política Educacional**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, 2002.
- FARTES, Vera Lúcia Bueno. **Reforma da educação profissional e crise das identidades pedagógicas e institucionais**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/BV3Jqh674tLmQy9rGchNMQG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em jul. de 2021.
- GAETA, Cecília; MASETTO, Marcos T. **O Professor Iniciante no Ensino Superior: Aprender, Atuar e Inovar**. Editora Senac: São Paulo, 2013.
- GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.
- GENTILI, P. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MEDEIROS, João Batista. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 1997.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. **Ensino Superior no Brasil: Expansão, diversificação e inclusão**. In: <http://flacso.org.br/?publication=ensino-superior-no-brasil-expansao-diversificacao-e-inclusao>. Acesso em: jul. de 2021.
- NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Processo de Formação de Professores Iniciantes. **Revista Brasileira de Pedagogia**. Volume 87; Número 257. Brasília, 2006.
- PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **As Pesquisas Sobre Professores Iniciantes: Algumas Aproximações**. Educação em Revista; Volume.26; Número 03; Belo Horizonte, 2010.
- PIMENTA, S.G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib. Ensino e Pesquisa: Desafios e Possibilidades para Docentes Universitários Iniciantes. **Revista Inter-ação**; Volume 36; Nº 2; Goiânia, 2011.